



CA (FN) José Luiz Corrêa da Silva
luiz.correa@defesa.gov.br

A “Rede de Tenentes” nas OM do CFN: como anda a sua?

Lendo recente edição de uma revista especializada, deparei-me com um artigo interessante, que versava basicamente sobre coesão, solidariedade e espírito de corpo em uma determinada Organização Militar (OM) do *United States Marine Corps*¹ (USMC), uma das que se integra ao regime de *deployment*² da 2ª Divisão de Fuzileiros Navais.

Ao fim da leitura, foi inevitável viajar no tempo, de volta ao início da década de 1980, e, agradavelmente, recordar-me de como eram coesas e solidárias as relações entre os Oficiais, entre as Praças e entre esses dois grupos, em prol do bom andamento do serviço.

Quando se chega tenente “quati rabudo”³ em uma OM, particularmente em uma Unidade Operativa, o temor é grande de achar que não se sabe o suficiente para cumprir as primeiras tarefas, para desempenhar a primeira função a bordo, que não vai conseguir liderar seus subordinados, mas tudo isso passa com o tempo. Com o passar de poucos meses, ele vai perceber que toda a teoria aprendida servirá, e muito, para agregar esse aprendizado teórico com o que vai adquirir com a prática a bordo. Além disso, aprende-se muito com as Praças, particularmente em um tempo em que era comum encontrar militares com mais anos de caserna do que o nosso tempo de serviço ativo na Marinha, isso sem falar no suporte que os tenentes contemporâneos nos ofereceriam, posto que na nossa imaginação eles já fossem “experientes” o suficiente para nos ajudar a encontrar o rumo certo para cada faina.

Portanto, qualquer que fosse a Unidade Operativa em que fôssemos servir, seriam inúmeras as oportunidades de fortalecer as relações interpessoais, mais particularmente no grupo dos tenentes⁴. Eram nos exercícios no campo de longa duração (de cinco a quinze dias), normalmente, à noite, nos “papos de fogueira”, que a “Rede de Tenentes” ia ficando cada vez mais fortalecida. A “tenentada” sempre foi muito unida a bordo e nas ocasiões de cunho social, particulares. Da caserna para a vida em família de cada tenente, era natural que os tenentes se tornassem compadres, fosse pelo matrimônio do amigo, fosse pelo nascimento dos seus primeiros filhos, pois éramos “irmãos de armas”.

¹ USMC: Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

² O termo *deployment*, conforme empregado na terminologia militar naval anglo-saxônica e no sentido no qual é utilizado no texto, não admite tradução literal na Língua Portuguesa. O significado mais próximo seria o deslocamento de forças e respectivas estruturas logísticas, de modo a posicionar previamente as forças de pronta-resposta para aplicação onde, quando e pelo tempo que se fizer necessário.

³ Basta olhar para a figura desse mamífero de rabo alongado e perceber a metáfora do rabo grande, difícil de esconder por onde passa, pois sempre deixa rastro de suas “atividades”, ainda mais as erradas, comum nos primeiros meses de carreira de um Oficial recém-ingresso nas fileiras das nossas Unidades.

⁴ Nesse grupo incluem-se os Segundos e Primeiros-Tenentes, pois, como hoje, não se tinha notícia de Tenente antigo e nem de Almirante moderno.

Havia o transporte solidário, com a formação de outros subgrupos (às vezes um Capitão conseguia se infiltrar porque morava próximo) em torno dos bairros onde residia a “tenentada”, quando cada dia da semana um vinha de carro e trazia todo o subgrupo para bordo. As rotinas tinham que se ajustar até que o último podia ser licenciado e os tenentes alegres, muitas vezes depois de uma “pelada” seguida de um *happy hour* na Praça D’Armas, retornavam ao aconchego dos seus respectivos lares. Durante o périplo do transporte solidário, era tempo para que todos pudessem compartilhar as alegrias e as angústias do cotidiano da vida de casado, do nascimento dos filhos e das travessuras dos pequeninos (naquela época existia fotografia em papel e os primeiros filhos eram alvo de incontáveis álbuns de fotos, que todos viam durante o trajeto), dos encargos colaterais diários, das representações de fim de semana e, assim, as relações fortaleciam-se cada vez mais. Ocorreram nascimentos de filhos, quando o pai estava em viagem e os demais se mobilizavam para não deixar faltar nada para a família, até que o “pai de primeira viagem” pudesse tomar a “cana do leme” e comandar a sua própria “tropa familiar”.

Isso tudo parecia muito natural, pois é sabido que, quanto mais um determinado grupo social se aproxima do nível de execução, há uma busca instintiva pela coesão, como forma de autoproteção para a sobrevivência individual.

Somos incentivados, desde os primeiros anos nas escolas de formação, a funcionarmos como turma, a qual vai se fortalecendo à medida que os anos passam, até chegar ao início da carreira naval. No caso dos Oficiais, passamos de calouros a veteranos, até que a turma chega ao Oficialato e ao, conseqüente e inevitável, afastamento dos colegas de turma, ainda que uma pequena parte possa manter-se unida por servir na mesma OM, sendo que esse subgrupo se agregará a outro, o qual o articulista estadunidense denominou de “Agência de Proteção dos Tenentes”. No caso brasileiro, passo a chamar de “Rede de Tenentes” ou, simplesmente, de “tenentada”, classe sobejamente conhecida, por ser unida, coesa, forte e desafiadora. Sim, pois, não raro, as chamadas para as “peladas” era quase que um brado: “os tenentes contra o resto do mundo!” Mas os capitães, invariavelmente, venciam. Claro, pois eles tinham a experiência e sabiam fazer a bola correr, enquanto que a “tenentada” corria desgovernadamente atrás da bola.

Os grupos sociais, ou ciclos hierárquicos, não se misturavam, mas, não raro, um tenente se dizia amigo de um capitão. De um Comandante, nem pensar! Do Imediato da OM, era quase como ganhar sozinho na mega-sena. Do Comandante da OM, então, só se ouvia falar. Felizes os que tinham algum contato com essa “megaentidade”.

Nesse quadro, os tenentes tinham que se safar mutuamente, pois o sucesso de um era motivo de orgulho dos demais. Nos revezamentos nas tabelas de serviço, nas escalções de última hora para repre-

sentenças, os tenentes se entendiam e manobravam para não deixar pegar, ou melhor, para que a faina saísse a contento. E isso se refletia nas atividades operativas. Quando um tenente não podia participar de uma manobra, rapidamente aparecia outro para substituí-lo e, às vezes, dobrar no campo, acompanhando a sua Subunidade. E os embarques prolongados nas operações “Sinal Vermelho”, que ocorriam, invariavelmente perto dos feriados de fim de ano. Passar o Natal a bordo não era tarefa das melhores, mas os solteiros davam um jeito de se voluntariar para não deixar pegar para os recém-casados, especialmente os que tiveram filhos cedo no casamento.

Solidariedade, coesão e espírito de corpo fluíam nas relações cotidianas das organizações militares, a ponto de se dizer, com certa frequência, que OM tinha alma. Um sabia, com tanta exatidão, o que o outro faria se estivesse em seu lugar em determinada faina e as funções eram desempenhadas com tal uniformidade que isso facilitava o trabalho do Comando em designar um Oficial para determinada função, pois, na prática, a Rede de Tenentes ia atuar em conjunto para não deixar pegar para um de seus componentes. Qualquer que fosse a função ou tarefa recebida.

Nesse ambiente, a liderança se dava pelo exemplo, inexoravelmente, pois todos tinham que servir de exemplo e, ademais, não tardaria para que novas turmas chegassem à OM e, conseqüentemente, novos tenentes iriam ser acolhidos na Rede e fariam parte da “tenentada”.

Como envolvo no presente artigo gerações diferentes, apresento um desafio para os jovens tenentes de hoje: como andam as “Redes de Tenentes” nas OM do CFN?

Para essas gerações “irrequietas”, que não param por muito tempo na mesma posição, como são as redes de relacionamento entre os subgrupos sociais nos respectivos círculos hierárquicos?

Da década de 1990 em diante, as OM do CFN viveram um *boom* de missões da ONU. Enviou-se tropas para Angola, observadores para países da África e da Europa Ocidental, e os afastamentos de casa, por períodos prolongados, passaram a ser inevitáveis. E aí, juntamente com a “Rede de Tenentes”, entraram em cena os Núcleos de Assistência Social da Marinha (N-SAIPM) para reforçar o suporte às famílias dos militares que partiam para o exterior, deixando suas esposas e filhos em situação confortável. Nesse contexto, o Haiti surgiu, para os tenentes como um *deployment*, tal como tratado pelo articulista da revista norte-americana.

Nesse ponto em que os artigos novamente se encontram, aproveito para apontar algumas comparações que servirão de pontos para reflexão da atual “tenentada” das OM do CFN e que devem servir para a reflexão da Oficialidade em geral.

Consideremos que todos os segundos-tenentes, no primeiro ano da carreira, irão servir nas OM operativas da Força de Fuzileiros da Esquadra (FFE):

- Ao preencher a ficha de opção de OM a servir leva em consideração, primeiro, a “tenentada” que irá rever, o ambiente de Praça D’Armas, a especificidade da Unidade ou o fato de poder ir para missão no exterior?
- Depois de um ano na OM, já pensou em voluntariar-se para servir fora de sede, porque a sua OM era a próxima da vez a ir para o Haiti e você não foi selecionado?

- Depois de um ano na OM, que era a próxima da vez a ir para o Haiti, sem ter feito comissão no exterior, a “Rede de Tenentes” ainda é forte?
- É capaz de relacionar quantas vezes a “Rede de Tenentes” da sua OM entrou em cena para safar um de seus componentes, livrando-o, bem como a Unidade, de um fracasso no cumprimento de alguma tarefa?
- Soube, na sua OM, de um tenente que se voluntariou para realizar alguma faina que um terceiro estaria envolvido, mas que este não poderia atender porque, sabidamente, teria de resolver um evento de caráter particular, mas, apesar disso não quis pedir dispensa da faina operativa, pois não quis sobrepor o evento particular ao do quartel?
- Sabe citar, de memória, a data de nascimento de ao menos três tenentes de sua OM?

Poderia listar tantos outros quesitos que retrataram uma época, mas que podem estar sendo vivenciados hoje, não sendo, entretanto, visivelmente percebidos.

A liderança pressupõe o exemplo, a presença constante e a preocupação de todos para com todos os componentes de uma determinada equipe. O conhecimento mútuo entre os componentes das equipes, no campo particular, fortalece o relacionamento funcional, e o ambiente profissional ganha sobremaneira com militares que se antecipam aos problemas dos demais, pelo simples fato de saber o que eles estão pensando e como agiriam se estivessem no seu lugar. Essa conclusão a que chegou o articulista norte-americano pode muito bem servir para a situação apresentada ao nosso CFN.

“A Companhia ‘ALFA’ funciona por música!”. “Para a Bateria ‘BRAVO’ não se precisa nem dar ordens, eles já sabem o que tem de ser feito. Vivem ganhando BRAVO ZULU!”. Daí a pergunta que não quer calar: quantas vezes ouviu essas frases na sua OM?

Para finalizar, convido os nossos Comandantes e Imediatos das OM do CFN a refletirem sobre o tema e contribuir da forma que julgarem mais conveniente para fazer florescer, frutificar ou incentivar a criação da “Rede de Tenentes” em suas Unidades, deixando os Oficiais Superiores servindo de “segunda instância” para os casos que os Capitães não puderem melhor equacionar, em primeira instância, junto à “tenentada” das suas OM.

Fuzileiros Navais, Oficiais e Praças, merecem ser bem-recebidos nos nossos quartéis, por uma tripulação motivada e coesa, de modo a rapidamente integrar os novatos e envolvê-los com o espírito de corpo de modo que em pouco tempo a “unidade” se faça presente no dia a dia, nas mais simples fainas administrativas, nos adestramentos e, especialmente, nas operações reais. Onde haja um Fuzileiro Naval, que o vínculo deste com a sua Rede nunca se rompa e que o sucesso de um seja o sucesso da sua OM, do Corpo de Fuzileiros Navais e da Marinha do Brasil.

ADSUMUS! VIVA A MARINHA!